

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

RAQUEL DA SILVA GUEDES

AS MULHERES NA ESCOLA POLITÉCNICA DA PARAÍBA: DO ATÍPICO A
CONQUISTA DE UM ESPAÇO (1952-1974)

CAMPINA GRANDE – PB
2015

RAQUEL DA SILVA GUEDES

**AS MULHERES NA ESCOLA POLITÉCNICA DA PARAÍBA: DO ATÍPICO A
CONQUISTA DE UM ESPAÇO (1952-1974)**

**CAMPINA GRANDE – PB
2015**

RAQUEL DA SILVA GUEDES

**AS MULHERES NA ESCOLA POLITÉCNICA DA PARAÍBA: DO ATÍPICO A
CONQUISTA DE UM ESPAÇO (1952-1974)**

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura em História da Universidade
Federal de Campina Grande – Campus I

Orientadora: Dra. Rosilene Dias Montenegro

**CAMPINA GRANDE – PB
2015**



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

RAQUEL DA SILVA GUEDES

Monografia apresentada em ___/____ de 2015

Banca Examinadora:

Professora Doutora Rosilene Dias Montenegro
Orientadora

Professor Fábio Ronaldo da Silva
Examinador

Professor José Valmi de Oliveira Torres
Examinador

AGRADECIMENTOS

Foram cinco anos e quatro meses para conseguir receber o título de Licenciada em História. Todos os dias da semana por horas a fio entre os blocos novos e antigos, biblioteca, coordenação, presa no elevador, almoçando nas lanchonetes e socializando na pracinha do BC. Foram dias memoráveis que lembrarei com muito carinho.

A universidade fez de mim outra pessoa, mudei para melhor em muitos aspectos, me tornei mais impaciente em outros, mas, principalmente, aprendi a observar. Nesse tempo descobri meu gosto profissional, me apaixonei por História, reclamei de todos os fins de períodos, embora sinta falta de todos eles.

Lá conheci muitas pessoas, mas fiz poucos amigos, vi um mundo de diversidades e me adaptei a ele, formei novas opiniões e hoje me sinto mais preparada para novas fases.

É bem verdade que não consegui passar por todos esses momentos e obter essa conquista sozinha. Então eu agradeço a Deus por sua infinita bondade e cuidado na minha vida, aos meus pais pela dedicação, por sempre me ofertar o melhor, por ser base e aos amigos de uma vida (de infância) por toda a torcida.

Agradecer a Rosilene, que nesses três anos de orientação teve muita paciência, afeto e cuidado, já passou os muros da orientação para a amizade. Aos integrantes do Projeto Memória, os pesquisadores Fábio Ronaldo e José Valmi, os dois foram responsáveis diretos por meu crescimento acadêmico, me ensinaram o ofício, me proporcionaram crescimento, risos e algumas boas cervejas geladas. Juntamente com eles, agradecer a Rafael Porto, este colega de projeto quase vizinho de bairro que não me ensinou o ofício, mas aprendeu ele juntamente comigo durante esses anos no point mais badalado da UFCG, a sala de vista para o pôr do sol no quinto andar do dito prédio novo.

Agradecer a Rosa, tão competente secretária por toda a dedicação, conversas, horários, processos encaminhados. Aos meus professores pela relação de propagar conhecimento e empenho.

As minhas colegas de curso, as mais loucas possíveis. Nesses cinco anos são muitas coisas as quais devo agradecer, a ajuda, as risadas, o companheirismo, o cuidado... Somos donas de personalidades distintas, tivemos que aprender todos

os dias a conviver juntas, mas foi ao lado de vocês que vivi os melhores almoços no Amarelinho (que já não é mais amarelo), as melhores tardes na pracinha do BC, as melhores rotas de ônibus, as investigações mais sem nexo nos supermercados da cidade, as lendárias noites de São João, as maratonas de filmes, o dia das bruxas no final de período onde tudo deu errado, desde a perder todos os trabalhos feitos a mão até sermos roubadas, ser atropelada e é claro, rir muito, rir loucamente, chorar rindo. Foram momentos inesquecíveis e por tudo devo o meu muito obrigada a Kroll e karol.

A vocês eu dedico esse passo tão importante em minha vida, foram essas presenças que me fizeram progredir. Por tanto cuidado, só posso dizer: *Muito Obrigada por tudo!*

As mulheres serviram todos estes séculos como espelhos possuindo o poder de refletir a figura do homem duas vezes maior que seu tamanho natural.

Virginia Woolf

SUMÁRIO

Resumo	09
Abstract	10
Apresentação	11
Capítulo 1- A Mulher na Área Tecnológica	13
1.1 A Conquista dos Direitos	13
1.2 Engenheiras Brasil Afora	16
1.3 O “Progresso” das Mulheres nas Engenharias	19
1.4 Memória e História Oral	22
Capítulo 2 - As Mulheres Na Escola Politécnica: Do Preconceito ao Sucesso	26
2.1 Quem Foram Essas Mulheres	28
2.2 Por Que Poucas Engenheiras?	31
2.3 Da Diferença ao Preconceito	32
2.4 As Engenheiras: Um Corpo Masculinizado	35
Capítulo 3 – As Mulheres no Ensino Médio	38
3.1 A Escolha Profissional	41
Considerações Finais	46
Fontes	48
Referências Bibliográficas	49

RESUMO

A Escola Politécnica da Paraíba foi a primeira instituição de ensino superior da cidade de Campina Grande. Ela foi o embrião da atual Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), fundada em 1952, oferecia em suas instalações o curso de Engenharia Civil, Engenharia Elétrica e Engenharia Mecânica. A criação e consolidação dessa Escola de Ensino Superior ocorreu sob a construção de uma mentalidade e imaginário de cidade moderna. O objetivo desse trabalho é pesquisar a história das mulheres na Escola Politécnica da Paraíba, como essas mulheres se inseriram em um espaço predominantemente masculino? Quais as dificuldades enfrentadas nesse desafio? Para isso utilizamos a metodologia da História Oral e realizamos entrevistas com ex-aluno(a)s e funcionárias da referida instituição, juntamente com uma pesquisa no acervo da Escola Politécnica presente no Arquivo Geral UFCG. A partir dessas fontes pretendemos investigar quem foram as primeiras engenheiras formadas nesta Escola, suas dificuldades em se inserir no espaço da engenharia e as consequências desse feito.

Palavras-chave: Mulheres, Escola Politécnica, Engenharías.

ABSTRACT

The Polytechnic School of Paraiba was the first institution of higher education in the city of Campina Grande. It was the embryo of the current Federal University of Campina Grande (UFCG), founded in 1952, offered its facilities in the course of Civil Engineering, Electrical Engineering and Mechanical Engineering. The creation and consolidation of Higher Education School occurred in the construction of thought and modern city of imagination. The aim of this study is to research the history of women at the Polytechnic School of Paraiba, as these women placed themselves in a predominantly male space? What the difficulties faced this challenge? For this we use the methodology of Oral History and conducted interviews with former student (a) employees of the institution, along with a search in the Polytechnic School in this collection General UFCG File. From these sources we intend to investigate who were the first engineers formed this school, their difficulties to enter in the engineering space and the consequences of this achievement.

Keywords: Women, Polytechnic School, Engineering.

APRESENTAÇÃO

A pesquisa deste trabalho começou enquanto colaboradora do Projeto Memória da Ciência e Tecnologia em Campina Grande-PB¹ onde conheci a História da Escola Politécnica através desse grupo de estudo. Alguns meses depois enquanto aluna PIBIC, trabalhei com as mulheres dentro desta instituição de ensino superior e comecei pesquisando dentro do Arquivo Geral da Universidade Federal de Campina Grande algum indício da presença feminina nas engenharias.

Foi uma atividade marcada pela dificuldade, pois no arquivo me deparei com a ausência de informações sobre essas pioneiras no ensino das engenharias na cidade. A partir de então, resolvi levar esta pesquisa à frente como minha pesquisa acadêmica. No ano passado escrevi a monografia que me aprovou bacharel em História, nela fiz uma análise quantitativa sobre essas mulheres. Quantas foram, seus nomes, o índice percentual em cada década de existência da Escola Politécnica, as desistentes, professoras, alunas e funcionárias, toda essa triagem necessária para entender a pequena participação feminina dentro das engenharias na Escola Politécnica. Trata-se de um trabalho que responde algumas indagações a respeito da participação dessas mulheres, indagações estas que fiz enquanto pesquisava nos 412 livros com a documentação da referida instituição.

Para essa nova fase da minha pesquisa trouxe outro bloco de indagações. Tentarei responder questões sociais a respeito da participação das mulheres na Escola Politécnica: quais as principais dificuldades; a existência do preconceito; e, o estranhamento ao atípico, ou seja, a presença feminina em um curso tido como masculino serão temas analisados.

Assim, no primeiro capítulo trago informações a respeito do campo da engenharia no Brasil, seu público, divisão por gênero e análises sobre esses

¹ Iniciado em fevereiro de 2004, o Projeto Memória é o nome pelo qual denominamos o projeto de pesquisa "**Organização e Preservação da Memória da Ciência e Tecnologia em Campina Grande PB**". Este projeto de pesquisa contou com o apoio inicial do CNPq e da UFCG e se propõe a atuar na área de organização e preservação de acervos documentais escritos, iconográficos e orais. Atualmente desenvolve pesquisa sobre a história e memória da Escola Politécnica da Paraíba, origem do antigo Campus II da UFPB, hoje Universidade Federal de Campina Grande.

dados, bem como, uma pequena amostra das conquistas femininas nas décadas ditas para mulher, ou seja, a década de destaque feminino devido as conquistas civis e políticas como o voto e cobertura constitucional, que vai desde 1975 até 1985 em maior ênfase.

No segundo capítulo trago as principais dificuldades enfrentadas pelas mulheres para estudar na Escola Politécnica, seja com a família, ou com os amigos, trago um debate de estranhamento ao fenômeno que foi a mulher no ensino de exatas nesta cidade e por fim, como as mesmas precisaram se adaptar em alguns pontos para estudar engenharia e exercer sua profissão, a masculinização dessas mulheres.

No terceiro capítulo trago uma reflexão a respeito dos questionários aplicados com os meus alunos de estágio na escola pública Virginius da gama e Melo, atividade relacionada à disciplina Prática de Ensino, cursada no período letivo de 2014.2 sob supervisão do professor Valmi Oliveira Torres. Trago, desta maneira, os desejos profissionais e posicionamento em sala de aula. O que pensam e o que esperam do futuro. Faço isso em uma contextualização atual sobre as mulheres e o meio profissional, sua mentalidade para a vida e conquistas pessoais, de modo a comparar ao longo da monografia o que mudou no mundo feminino em relação a escolha profissional.

O recorte temporal está colocado para a duração da Escola Politécnica, desde seu início até sua transformação em Campus II da Universidade Federal da Paraíba. Essa pesquisa tenta assim, contribuir diminuindo lacunas sobre a participação feminina das mulheres nas engenharias na cidade de Campina Grande, mostrando as jornadas enfrentadas pelas engenheiras pioneiras formadas na referida instituição.

CAPÍTULO 1

A MULHER NA ÁREA TECNOLÓGICA

1.1: A CONQUISTA DOS DIREITOS

A presença, cada vez maior, de mulheres nas ciências exatas é evidência das conquistas das mulheres na luta pela igualdade de direitos entre os gêneros. É evidência também da imposição cultural que define o lugar da mulher, certamente distante das áreas que recorrem ao raciocínio lógico ou à aparição pública frequente, tendo em vista que a mulher, por muito tempo, era considerada inapta para as atividades racionais e pertencente à esfera do privado, dentro do cotidiano as mulheres eram caracterizadas como ignorantes no quesito cálculo, profissão e meio público, pois esses direitos quando não negados ao feminino, eram limitados.

O homem tinha o direito de estudar nas escolas enquanto as mulheres estavam confinadas as prendas do lar, quando criança as meninas não podiam sequer brincar fora de casa e se saíssem era acompanhada do irmão mais velho apenas para aprendizados religiosos:

Enquanto os meninos saíam para brincar com maior liberdade nas vias públicas, nas famílias dos setores médios da sociedade, as meninas auxiliavam suas mães na cozinha e nas tarefas domésticas mais leves, tais como secar louça, tirar pó dos móveis, passar roupa, bem como cuidar dos irmãos mais jovens. A divisão sexual do trabalho começava desde cedo e permanecia na vida adulta. Havia, inclusive, um temor entre os pais de que os meninos que realizavam tarefas domésticas pudessem se tornar “afeminados” (AREND, 2013, p.72).

As prendas domésticas eram a função social feminina, sua personalidade deveria estar direcionada para a docilidade, meiguice, serenidade, enquanto seus varões deveriam ter coragem, competitividade e poder de decisão (AREND, 2013).

Houve uma conquista de direitos e espaço feminina. Com base nessa percepção de conquista, e sob o contexto da *Década da Mulher* (1976-1985), é criada a Equipe de Trabalho sobre a Questão da Mulher na Área Tecnológica (abreviado para GT Mulher)² durante a XVIII Reunião de Conselheiros Federais e Regionais, composto por profissionais de engenharia e arquitetura, ocorrido em julho de 85 em Brasília, de organização do Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura – CONFEA. O propósito era analisar a trajetória feminina dentro dessas profissões.

A *Década da Mulher* foi uma iniciativa da Organização das Nações Unidas (ONU) tomada durante a Primeira Conferência Mundial Sobre as Mulheres, realizada no ano de 1975 na Cidade do México (o ano de 1975 também ganhou o marco de *Ano Internacional da Mulher*). Durante a Conferência, foram debatidos temas como a igualdade entre os sexos, integração da mulher no desenvolvimento e promoção da paz, além de outras pautas relacionadas à situação da mulher mundo afora.

Já em 1948 a ONU previa, em sua Declaração Universal dos Direitos Humanos, a igualdade de direitos entre homens e mulheres, tendo este documento a capacidade de justificar e endossar a luta das mulheres por mais espaço em áreas predominantemente masculinas, dentre outras reivindicações do movimento feminista. A ONU, durante a *Década da Mulher*, ainda realizaria duas outras conferências mundiais, em Copenhague, Dinamarca, em 1980 e Nairóbi, Quênia, em 1985.

O GT Mulher, formado por mulheres profissionais das áreas de Engenharia, Arquitetura e Agronomia teve como motivação as discriminações de gênero sofridas por uma das integrantes no início de sua carreira profissional (FERNANDES, 1999, p.14). A ideia central era a criação de um debate como uma ferramenta para que a profissional da área tivesse mais uma garantia de seus direitos previstos por lei, além de se tornar o órgão responsável por levantamentos estatísticos sobre o número de engenheiras em todo o Brasil.

²O atual GT Mulher do CONFEA, fundado em 1997, apesar de distinto da primeira Equipe de Trabalho (datada de 1975) deste órgão, tem como principal inspiração essa primeira iniciativa. Os dois grupos chegam a ser considerados pelas suas integrantes como o mesmo movimento, tendo vários objetivos e atividades desenvolvidas similares (FERNANDES, 1999, p. 13).

Em Campina Grande, na Escola Politécnica da Paraíba, a primeira profissional da área de Engenharia da Escola Politécnica da Paraíba formou-se em Engenharia Civil em 1966, apesar de a Escola Politécnica formar novos engenheiros anualmente desde 1958.

Lista de Alunos Graduados na Escola Politécnica da Paraíba

ANOS	Graduação por curso de Engenharia		
	Civil	Elétrica	Mecânica

1958	9	0	0
1959	5	0	0
1960	8	0	0
1961	3	0	0
1962	16	0	0
1963	15	0	0
1964	23	3	0
1965	15	4	0
1966	31	8	0

Tabela 1: Lista de alunos graduados por ano na Escola Politécnica da Paraíba desde a primeira turma, em 1958, até 1966. A primeira turma de Engenheiros forma-se no mesmo ano em que o curso é reconhecido pelo MEC, quatro anos após o início do funcionamento da própria escola, em 1954, e seis anos após o decreto de lei que reconhece a existência da Escola Politécnica da Paraíba, datada de 6 de Outubro de 1952.

É importante notar que os cursos de Engenharia Elétrica e Mecânica foram fundados na Escola Politécnica em 1962 e 1966, respectivamente. Tal fato explica a razão de não haver graduados antes dessas datas.

De uma instituição de ensino superior que já formara mais de uma centena de profissionais, a presença de uma mulher revela um dado alarmante sobre a participação feminina, porém marcante. Ana Maria, uma das primeiras alunas formada em Engenharia Civil da Escola Politécnica, foi exemplar durante todo o curso, adquirindo bolsas de estudo durante os dois últimos anos de graduação, que foram cursados em São Paulo, além de ter retornado assim que concluía o curso para assumir o cargo de professora na Escola na área de Ciências Exatas na cidade de Campina Grande do estado da Paraíba

Engenheiros Formados na Escola Politécnica da Paraíba

	Homens	Mulheres	Total
Engenheiros Civis	124 (99,2%)	1 (0,8%)	125 (100%)
Engenheiros Eletricistas	15 (100%)	0 (0%)	15 (100%)
Total de Engenheiros	139 (99,3%)	1 (0,7%)	140 (100%)

Tabela 2: total de engenheiros formados pela Escola Politécnica até 1966 divididos por área de atuação e gênero.

A presença de mulheres nas turmas de Engenharia da Escola Politécnica, por sinal, continuará minoria durante a década seguinte, como mostram os registros documentais da Escola. Esse fator foi uma realidade por quesitos como falta de aptidão a profissão pelas mulheres do estado, barreiras familiares e sociais para que essas mulheres seguissem determinada profissão, bem como a falta de preparação das mesmas para lidar com os olhares atípicos das pessoas ao fato de uma mulher tentar ser engenheira.

1.2 ENGENHEIRAS BRASIL AFORA

Os relatórios das atividades da Equipe de Trabalho sobre a Questão da Mulher³ trazem dados que nos permitem identificar o contexto no qual as profissionais das engenharias e da arquitetura se inserem principalmente no tocante à menor presença de mulheres em áreas ou regiões específicas, bem como o número massivo de homens por todas as áreas de atuação e regiões país afora.

População Brasileira e Profissionais CONFEAS

População do Brasil			Profissionais do Sistema CONFEAS		
Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
77.442.865	79.627.298	157.070.163	600.097	91.932	692.029
49,30%	50,70%	100%	86,72%	13,28%	100%

Tabela 3: Comparativo entre população em geral e profissionais do sistema CONFEA/CREAS (FERNANDES, 1999)

³ Todos os resultados das atividades do GT Mulher podem ser encontrados no livro A Mulher da Área Tecnológica no Brasil (1999) de organização da arquiteta Ilka Beatriz Albuquerque Fernandes et. Al.

Apesar das mulheres serem maioria na população total brasileira, elas continuam sendo minoria na área das engenharias. Essa porcentagem reflete a dificuldade enfrentada por mulheres de todo o Brasil de ingressarem nas ciências exatas, além disso, a falta de interesse, aptidão e o sonho de seguir outras carreiras profissionais também deve ser levados em consideração. Não bastassem as dificuldades iguais a ambos os sexos – concorrência para entrar em um curso superior, a dificuldade dos conteúdos já dentro do curso – as mulheres ainda têm que conviver com a ideia errônea de que estão em um ambiente que não foi feito para elas, e que elas não seriam capazes de desempenhar práticas cotidianas da profissão. Ideias reforçadas pelo machismo implícito em brincadeiras entre colegas, por exemplo, afirmado que mulheres não sabem contar, tem raciocínio lógico limitado ou são muito delicadas para o trabalho em campo que as engenharias requerem.

Independente da intenção dessas brincadeiras, seja depreciar a imagem da profissional engenheira, seja reafirmar que engenharia “não é curso pra mulher”, é perceptível, pelos dados, que essa pressão cultural influencia bastante na opção dessas mulheres.

Ilustrando essa reprodução de ideias, usemos o exemplo da fala da depoente “A” em entrevista concedida ao Projeto Memória da Ciência e Tecnologia em outubro de 2009:

Nós não sentíamos discriminação de gênero, não, certo? Era muito mais assim, os grupos de amigos, de estudo, de relacionamento, eles se dividiam muito em função do desempenho, tá certo! Então os alunos que se saíam melhor, que tinham o melhor desempenho, eles eram, formavam seus ambientes. (MARIA CASTRO, Informação cedida ao Projeto Memória, Campina Grande, p. 12)

A depoente não percebe como machismo ou “brincadeira de mau gosto” a ideia perpetuada de que as mulheres não pertencem às engenharias. Isso porque vindo de pessoas próximas com tom suave soa como um simples comentário sem intenções maiores, porém não deixam de reafirmar um discurso pejorativo sobre a função feminina nas exatas.

A dificuldade para uma mulher se firmar como engenheira e ganhar o respeito dentro de sua área de profissão também é reflexo dessa reprodução até mesmo em áreas da tecnologia. Uma mulher, portanto, para ser respeitada nesse ambiente predominantemente masculino, deveria ser não só tão eficiente quanto um homem na mesma posição, mas ter um desempenho muito superior, se quisesse ser tratada ao menos como igual. É isso o que afirma a depoente “B” em entrevista cedida ao Projeto Memória da Ciência e Tecnologia também em outubro de 2009:

(...) Mas, do ponto de vista profissional mesmo, você sentia aí, ainda hoje acho que faz sentido, que pra você ser considerado um bom profissional enquanto mulher você tem que ser melhor do que os homens, para eles lhe respeitarem, entendeu? Você pode ser muito bom enquanto um engenheiro, mas para você ser engenheira, você tem que ser ótima para ser no mínimo aceitável como boa. Então essa situação assim de impor do ponto de vista do gênero sempre existiu e sempre vai existir, né? (MARIA CASTRO, Informação cedida ao Projeto Memória, Campina Grande, p. 13)

Na fala da depoente, fica claro o quanto a imposição “do ponto de vista do gênero” é perceptível entre as mulheres que decidem seguir a carreira em engenharia. Nota-se também que nas falas de ambas as colaboradoras, elas notam a discriminação, mas não a denotam negativamente: para elas, o julgamento prévio dos homens é mais um desafio a ser enfrentado na carreira. Uma forma individual de superar a discriminação, que existe, que cotidiana, repetidamente presente e certamente prejudicou e deve continuar prejudicando pessoas, mulheres, que não conseguiram alcançar o êxito profissional.

Essas situações adversas, reforçadas pela imposição cultural, são encontradas em todas as cinco regiões do país. Tanto é que, durante o levantamento realizado pelo GT Mulher, as organizadoras tomaram o cuidado de dividir os percentuais de mulheres profissionais também por região, possibilitando uma melhor visão das engenheiras situadas, por exemplo, no Nordeste.

Comparativo Populacional por Regiões e Índice de Profissionais em Exatas

REGIÕES	BRASIL			SISTEMA CONFEA/CREAS		
	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL
NORTE: (POP)	5.725.632 50,72%	5.562.627 49,28%	11.288.259 100%	17.703 86,41%	3.220 15,39%	20.923 100%
NORDESTE	21.908.223 48,94%	22.858.628 51,06%	44.766.851 100%	95.496 86,73%	14.617 13,27%	110.113 100%
SUDESTE	32.905.412 49,11%	34.095.326 50,89%	67.000.738 100%	352.999 86,91%	53.156 13,09%	406.155 100%
SUL	11.648.981 50,46%	11.864.755 49,54%	23.513.736 100%	101.972 86,57%	15.812 13,17%	117.784 100%
C. OESTE	5.254.617 50,04%	5.245.962 49,96%	10.500.579 100%	31.927 86,16%	5.127 13,84%	37.054 100%
BRASIL	77.442.865 49,30%	79.627.298 50,70%	157.070.163 100%	600.097 86,72%	91.932 13,28%	629.029 100%

Tabela 4: Comparativo entre a população das regiões e os profissionais do Sistema (FERNANDES, 1999)

Curioso notar, através dos dados, que, apesar da imposição sociocultural masculina ser mais forte no nordeste devido a seu histórico patriarcal e sua recorrente reafirmação do poder masculino, a quantidade de engenheiras, relativo à quantidade de engenheiros na região ainda é maior que a proporção dessas mulheres na região sudeste, que não teria uma tradição patriarcal tão presente quanto no Nordeste.

Ainda assim, mesmo na região cuja proporção é a maior do país (região Norte, 15,39%), a participação das mulheres continua muito abaixo do reflexo da população total, evidenciando que o problema da falta de inclusão é, de fato nacional.

1.3 O “PROGRESSO” DAS MULHERES NAS ENGENHARIAS

Comparando os dados de concluintes em 1966 com os dados fornecidos pelo levantamento do GT Mulher do CONFEA/CREAs, é notável o crescimento proporcional e absoluto da presença feminina na ciência e tecnologia. Enquanto em 1966 na Paraíba nos deparamos com a proporção de 0,7% para o sexo feminino, em 1999 já temos a contribuição de 13,28%.

Obviamente, as porcentagens baixas nos mostram que a mulher ainda tem um longo percurso a caminhar até chegar à tão sonhada igualdade; enquanto mostra também que há um progresso significativo entre esses 33 anos de história.

Percentual de Mulheres Formadas entre 1970 a 1998

Modalidade	Até 1970	1970-75	1976-80	1981-85	1986-90	1991-95	1996-98	Média
Eng. Civil	2,30	3,78	9,82	15,55	17,13	22,09	24,65	13,27
Eng. Elétrica	1,72	2,82	6,06	6,09	7,42	9,63	10,45	6,63
Eng. Mecânica	0,48	0,97	2,76	2,65	3,02	4,75	6,18	2,94

Tabela 5: Percentuais de mulheres que se formaram nas diversas modalidades ao longo do tempo no Brasil (FERNANDES, 1999)

Observando o crescimento gradual durante esse intervalo de tempo, podemos perceber que a participação da mulher nas engenharias é sempre crescente, evidenciando o espaço conquistado no decorrer desde a década de 1960.

Ao longo do tempo, teorizou-se sobre os motivos que fizeram aumentar – embora pouco – o número de mulheres nas áreas das Ciências Exatas. A respeito do tema, Fanny Tabak (2002) argumenta:

Dados recentes revelam que as meninas que concluem o segundo grau de ensino continuam candidatando-se, no exame de vestibular, em muito maior proporção, aos cursos considerados “tradicionalmente femininos”, nas áreas de ciências sociais e humanas. Uma provável explicação seria a persistência de estereótipos sexuais na educação, ao lado da pressão da sociedade patriarcal ainda existente. (TABAK, 2002, p.182).

Nota-se que o trabalho de Tabak chega a ser posterior aos dados coletados pelo GT Mulher, sendo revelado, portanto, que os estigmas nos cursos de ensino superior continuam fortalecidos em toda a sociedade brasileira: Ainda há “cursos para homem” e “cursos para mulher”. Nessa divisão arbitrária e preconceituosa, as ciências humanas, lugar onde se abre mais espaço para sensibilidades e raciocínio crítico é o devido lugar da mulher, que estaria mais apta para essas

atividades, enquanto que as ciências exatas, lugar de raciocínio lógico, pragmático e de conhecimento matemático teórico aprofundado está destinado aos homens.

Além da dita “predisposição” dos perfis psicológicos de cada sexo, também entraria em jogo a dedicação à ciência: Uma mulher, de acordo com as normas sociais, seria também a cuidadora do lar e educadora dos filhos, tendo que dividir as tarefas profissionais com as tarefas do lar. O homem, por sua vez, não teria a mesma responsabilidade no âmbito privado, e poderia dedicar todo o seu tempo para as atividades profissionais.

Para analisarmos o começo, de fato, da conquista da mulher no ensino superior e principalmente na área da ciência e tecnologia, devemos recuar até o contexto histórico do século XIX, de intenso interesse pelo cientificismo e pelo desenvolvimento tecnológico. É nesse contexto, que, segundo Schiebinger (2001) encontramos o primeiro número significativo de mulheres em universidades:

As mulheres ingressaram em carreiras modernas na ciência somente após o movimento das mulheres das décadas de 1870 e 1880 as impulsionarem às universidades. Conforme elas gradualmente eram admitidas às escolas de graduação – no século XX um pré-requisito para trabalho sério em ciência- elas entraram em programas de doutorado. (SCHIEBINGER, 2001, p.71-72).

Levando em conta que as universidades na Europa têm registro de suas atividades desde o século XIII, encontramos um período de seis séculos de desenvolvimento universitário sem a presença significativa de mulheres.

No Brasil, as primeiras universidades têm suas atividades iniciadas no século XIX, já havendo uma Escola Politécnica na Universidade Federal da Bahia em 1897 (FERNANDES, 1999). Encontrou-se, depois de levantamentos realizados pelo GT Mulher, o nome das primeiras formadas em Engenharia do país, sendo consideradas pelo mesmo GT as pioneiras da classe.

A primeira engenheira do país, segundo a pesquisa realizada, teria sido Edwiges Maria Becker Horn’meil. Infelizmente o levantamento realizado limitou-se à pesquisa onde e quando se formou essa pioneira, tendo ela terminado

Engenharia Civil no ano de 1917, na Escola Politécnica do Distrito Federal (DF) do Rio de Janeiro⁴.

Decerto, Edwiges pode não ser a mais conhecida das engenheiras do país hoje em dia, mas sua contribuição para a conquista dos direitos femininos ecoa pela atualidade. Ao realizar o levantamento, as pesquisadoras do GT Mulher dedicaram os resultados da pesquisa “àquelas que, com muita garra e dedicação, abriram as portas para a geração atual.” (FERNANDES, 1999). Sendo assim, é possível que as pioneiras sejam “anônimas”, mas nunca insignificantes, pois, sem a iniciativa destas primeiras, as mulheres jamais teriam o espaço que têm – este ainda pequeno – dentro da ciência.

Ser mulher em um espaço cultural masculino é partir para enfrentar preconceitos, estigmas e injustiças apenas devido ao fato do sexo diferente. Em uma sociedade que estabelece normas para cada sexo, tomar outros espaços ainda seria considerado uma “transgressão”, estigmatizando ainda mais essas que simplesmente procuram uma atividade diferente da culturalmente implícita a todas no país.

Comprovamos essa abordagem a partir de depoimentos de mulheres que cursaram engenharia na Escola Politécnica da Paraíba. Desta forma, utilizamos a memória e a História Oral para colher depoimentos de experiências femininas. Faz-se necessário, desta maneira, uma reflexão sobre essa metodologia.

1.4 MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL

A História Oral é um processo antigo, mesmo que reconhecido recentemente como uma maneira de fazer história. Para melhor entendê-la faz-se necessário compreender como a história se realiza. Lucilia Delgado traz essa definição:

Na verdade, nenhuma história, conquanto processo e construção da trajetória da humanidade ao longo dos

⁴ O atual Distrito Federal, uma das 27 Unidades Federativas do Brasil e localizado na região Centro-Oeste, tomou essa forma e localização geográfica apenas em 1960. Durante o período de 1889 até 1960, o Distrito Federal consistia na cidade do Rio de Janeiro e arredores.

tempos, é oral. A história da humanidade, em sua realização, constitui-se pela inter-relação de fatos, processos e dinâmicas que, através de movimentos dialéticos e da ação de sujeitos históricos, individuais ou coletivos, transformam as condições de vida do ser humano ou se empenham em mantê-las como estão. (DELGADO,2010, p.15).

Enquanto que a História Oral:

É um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é o compartimento da história vivida, mas sim, o registro de depoimentos sobre essa historia vivida. (DELGADO,2010, p.15-16).

A História Oral é um meio para a produção do conhecimento histórico. Tem um ensinamento duplo, enfoca no depoimento, no tempo passado e no tempo presente, dentro da época em que reproduz o depoimento. É uma produção especializada, uma metodologia antiga.

As narrações de histórias começaram desde a Ilíada e a Odisséia no mundo Ocidental, no mundo oriental foi ainda antes de Cristo com os relatos de histórias chinesas, de forma que, o ouvir e o registrar era como uma maneira política e documental, pois quem guardava os relatos detinha uma espécie de “poder”. Pode-se entender a História Oral como uma variação de captação no espaço e no tempo, um fragmento de pesquisa que deve ser aprofundado e analisado. Esse processo é feito nessa pesquisa a partir das entrevistas realizadas com mulheres que participaram da Escola Politécnica.

A História Oral teve seu auge pós Segunda Guerra Mundial com os relatos das práticas exercidas na guerra, trabalhou com as memórias traumatizadas de uma população que passou pela angustia, medo e perseguição, é caracterizada como uma história recente e fruto do convívio urbano, atenta a fenômenos do interesse do público amplo e é triada por debates atentos a fundamentação de seus usos e descobertas, como fala José Carlos Sebe e Fabíola Holanda no livro História Oral: como fazer e como pensar (MEIHY, HOLANDA, 2010).

Trata-se de uma realidade a partir da vivência e da experiência de quem conta para ajudar a construir passagens de uma história que foi silenciada ou esquecida por eventualidades mais fortes, corta a distancia historiográfica através

da investigação exaustiva do objeto de estudo. Começa-se na investigação documental através da pesquisa até achar os sujeitos da ação, entrevistá-los e redescobrir a pesquisa através das informações dadas pela memória desses sujeitos. Desta forma, é por meio da História Oral, garantindo os depoimentos a respeito do recorte temporal proposto, que poderemos analisar, decodificar e construir essa história feminina dentro dos campos de Engenharia Elétrica e Civil na cidade de Campina Grande.

O termo memória tem sua origem etimológica no latim e significa a faculdade de reter e/ou readquirir idéias, imagens, expressões e conhecimentos adquiridos anteriormente reportando-se às lembranças, reminiscências. No dicionário Aurélio, o significado de memória é colocado como “uma faculdade de reter ideias, sensações, impressões, adquiridas anteriormente. Efeito da faculdade de lembrar; a própria lembrança, recordação que a posteridade guarda”.

Historicamente, Júlio Pimentel define a memória como “um lugar de refúgio, meio história, meio ficção, universo marginal que permite a manifestação continuamente atualizada do passado” (PINTO, 1998, p.307). Para Lucilia a “memória é mutante e plena de significados de vida. Que se confirmam ou se renovam” (DELGADO, 2010, p.38), Chauí acredita que a “memória é uma evocação do passado, é a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total” (CHAUÍ, 1995, p.125). Para Verena Alberti “a memória é a presença do passado” (ALBERTI, 2004 p.15).

Aqui trazemos a memória como uma retenção do tempo que deve ser salva da perda, salva através dos relatos das mulheres e homens que participaram da escola Politécnica da Paraíba. Por meio da evocação do passado retirado da memória montamos uma relação com a História, escrevemos mais uma página desta. Pois, “história, tempo e memória são processos interligados. Todavia, o tempo da memória, ultrapassa o tempo de vida individual e encontra-se com o tempo da história” (DELGADO, 2010, p.17).

O ato de relembrar está inserido em uma possibilidade de múltiplos registros do passado, elaborando representações e afirmando identidades construídas na dinâmica do fazer história. Desta forma, “as produções humanas exprimem a vivência e cabe ao hermenêuta compreender essas expressões, de maneira que a compreensão seja o mesmo que tornar a vivenciar” (ALBERTI, 2004, p.18), pois

compreender é reencontrar o eu no tu alargando novos horizontes de possibilidades da vida humana.

Aqui não está em pauta rememorar o que estava para ser esquecido, mas tomar a ação de constituição de memórias como objeto de estudo enquadrando o silenciamento através da História Oral, como coloca Pollak:

A especificidade da História Oral é o fato de ela mostrar, através das memórias individuais, os limites do trabalho de enquadramento da memória. Este seria o caso das memórias silenciadas durante o stalinismo e de todo tipo de memória coletiva subterrânea que está em contraposição da memória coletiva organizada (ALBERTI, 2004, p.37).

O termo memória subterrânea está posto para as memórias caladas por algum motivo de opressão, elas estão envoltas de emoções recentes, traduzidas de maneira marcante nas falas, omissões, silêncios e nos lapsos de cada depoente. Assim, cada depoimento é único e fascinante em sua singularidade e potencialidade de revelar emoções e identidades (DELGADO, 2010). Nesse sentido, o maior desafio da História Oral sobre a memória é contribuir para que as lembranças continuem vivas e atualizadas.

Desta maneira, o capítulo seguinte apresenta as mulheres da Escola Politécnica da Paraíba, sua trajetória, dificuldades e empenho. Tirando esse fragmento da história do anonimato e levando a conhecimento público.

CAPÍTULO 2

AS MULHERES NA ESCOLA POLITÉCNICA: DO PRECONCEITO AO SUCESSO

A mulher busca os seus direitos de liberdade, seja para vivência cotidiana, liberdade de expressão, direitos civis e trabalhistas há muitos séculos. Muitas dessas conquistas já foram mencionadas no primeiro capítulo. Desta forma, a mulher procurou o espaço público para se desenvolver enquanto profissional, diante de suas opções de cursos superiores, ela desejou uma profissão que era tida como lugar culturalmente masculino, como é o caso das engenharias. Há anos atrás ver uma mulher cursar uma engenharia era um espanto, hoje um sinal de respeito. Chegar até esse nível exigiu que em séculos anteriores uma corrida em busca de liberdade fosse travada para realizar tal conquista.

Na Paraíba não foi diferente, estado do Nordeste com municípios interioranos de uma formação educacional feminina rústica. Aqui, como em outros estados brasileiros, as mulheres estavam sendo educadas para cuidar do lar, dos filhos e do marido, as mais “estudadas” tinham uma profissão ligada ao ensino infantil. Por muito tempo foi assim, as famílias mais abastadas financeiramente permitiam que as filhas fossem para outro estado estudar direito e medicina, mas um curso de Engenharia, ainda era, como se mencionava na época, “coisa para homem”.

Em 1952 com a fundação da Escola Politécnica esta realidade estava para ser mudada. A presença de uma escola de nível superior de boa fama e com a proposta de cursos de engenharia foi bem aceita pelo público e gerou interesse inclusive feminino, porém as dificuldades também se fizeram presentes e são notadas em comentários lançados para essas mulheres na época, um deles será

aqui apresentado, este foi coletado no depoimento de Ana Maria Vilar Campos Catão em entrevista ao Projeto Memória:

Quando eu fui fazer vestibular era tanta gente na porta olhando, parecia que era um ET, mas acostumei. Mas a minha mãe, uma mulher com o segundo ano primário, era uma pessoa sem muita instrução, sem muita visão, ela dizia "ou minha filha eu preferia que você tivesse passado em um curso de corte e costura que era mais útil a você". A gente queria estudar e ela era contra a gente estudar porque dizia que a gente ia se casar e ter filhos, iam ser domésticas e precisavam aprender coisas que mulheres aprendem, a bordar, cozinhar, costurar, isso sim e não essas outras coisas, deixasse isso para os homens. (Catão, 2013, p.09).

Esses fragmentos mostram um pouco do pensamento na época em relação a ser mulher e como o público se sentia se uma delas resolvesse participar desse espaço de graduação e atuação profissional tido como culturalmente masculino. A primeira parte afirmação coloca a surpresa do público com uma mulher prestando o vestibular para um curso de exatas, olhavam como curiosos aquele acontecimento por se tratar de uma novidade; a segunda parte do fragmento, demonstra a mentalidade que os cidadãos de Campina Grande e redondezas tinham a respeito da função da mulher.

O objetivo é analisar a participação feminina na Escola Politécnica da Paraíba e o atípico a esse ocorrido. Sabe-se que a porcentagem de mulheres que cursam o ensino superior consta como 4% da população, de acordo com os dados estatísticos expostos por Nadia Regina Lima (2002, 53), e as que enveredam pelos caminhos de cursos de exatas, no recorte temporal deste trabalho (1952-1975) é menor que 10% do total de alunos. Assim posto, mostraremos aqui a participação feminina nos vestibulares e na Escola Politécnica enquanto alunas e funcionárias de maneira que possa ser visualizado o crescimento feminino dentro das engenharias, no segundo momento serão analisadas algumas das dificuldades enfrentadas por essas mulheres para se inserirem no curso e na profissão.

É importante lembrar que tal trabalho e análise se mostram necessárias para entender como hoje o número de alunas que cursam engenharia já preenche metade das vagas ofertadas nas universidades, como as mulheres transitam no ensino superior com liberdade, como estas se inseriram nesse espaço culturalmente masculino e como fizeram sua história.

2.1 QUEM FORAM ESSAS MULHERES

A Escola Politécnica foi fundada em 1952, a primeira aluna a cursar engenharia civil foi Arlete Sales em 1956, esta desistiu dois anos após o início do curso para cursar Ciências Econômicas, expecula-se que por falta de identificação com o curso e consequentemente com o meio que a engenharia aspira. Após ela, apenas uma mulher apareceu nos registros, sua prima, que prestou vestibular em 1958 mas não obteve êxito na seleção. A imagem abaixo mostra Arlete em sala de aula:



Giuseppe Gióia, professor da disciplina Geometria Analítica - elementos de monografia, quando ministrava aula para uma turma de alunos da Escola Politécnica - 1956

Da esquerda para direita:

Primeira linha - Mário Carneiro - Arlete Figueiredo - Marçílio Paiva - José Bezerra e Fernando Cunha Lima

Segunda linha - Talma Benevolô- Sebastião Ernesto - e Roberto Moura

Terceira linha - Francisco Celestino

Arlete Figueiredo, primeira aluna da Poli, em sala de aula- 1956

Na década de 1960 a EPP recebeu em suas instalações mais mulheres. Duas delas marcaram presença na turma de 1962, sendo estas Ana Maria Vilar Campos e Maria das Graças Pedrosa, as que iniciaram o curso e cinco anos depois receberam o título de engenheiras, logo podem ser consideradas as pioneiras, primeiras engenheiras formadas na Escola Politécnica da Paraíba.

Os anos subseqüentes foram de estabilidade, a cada ano da referida década mais duas ou três alunas conseguiam ingressar nos cursos de Engenharia Civil e Elétrica, a estabilidade foi mantida até o final de 1969, até que

em 1970 o processo seletivo sofre uma mudança e o aumento de vagas no vestibular é dobrado, assim mais mulheres são aprovadas e o número de frequentadores dentro da referida instituição de ensino chega a dez por cento do total como afirma Ana Maria em entrevista:

Em (19)63, João Goulart dobrou o número de vagas, ficamos com 80 e em 64 ele mandou preencher as vagas, o regime passou a ser classificatório e não mais seletivo, aí foram aumentando o número de mulheres, mas nunca passou de 10%. (Catão, 2012, p.20).

Dessas mulheres na década de 1960 conseguimos encontrar nos registros do Arquivo Geral da UFCG e em citações em entrevistas por ex-funcionários e ex-alunos, Tânia Quezado, aluna de engenharia Elétrica, Moema Medeiros, também de Elétrica e Maria das Graças em Civil, além de Ana Maria Vilar. Em 1970 a estabilidade no curso de Engenharia Mecânica foi alcançada, este ficou conhecido como o curso de mais mulheres e por serem em maior número a dificuldade do conhecimento de nomes torna-se uma realidade.

O corpo docente da EPP foi predominantemente masculino, há um registro feminino apenas em 1963, Maria de Lourdes Amorim Marques de Almeida era esposa de José Marques de Almeida, então professor e idealizador da referida instituição de ensino superior. Maria de Lourdes era natural de São Paulo, veio a cidade de Campina Grande após casamento para acompanhar seu cônjuge, aqui conseguiu emprego no Estadual Elpídio de Almeida para lecionar, anos depois foi admitida pela EPP para ensinar a disciplina de Desenho a Mão Livre, não se sabe exatamente porque essa disciplina, alega-se apenas que a vaga estava livre e a mesma tinha maior competência nessa área. Pergunta-se se essa competência é ligada ao cuidado e paciência que a disciplina requer, qualidades ditas femininas.

Após ela, apenas em fins de 1968 Ana Maria Vilar Campos, já formada, foi convidada pelo professor Lynaldo Cavalcanti para lecionar no curso de Engenharia Civil e após concluir sua especialização, a mesma aceitou o convite e ensinou disciplinas no curso de Engenharia Civil com muito empenho até sua aposentadoria.

No tocante as funcionárias, sabe-se que a primeira delas chamava-se Giovanna Tavares de Salles, esta foi auxiliar de secretaria ainda quando a EPP

estava funcionando no centro da cidade no prédio do colégio Solon de Lucena. Sobre ela, mais nada foi achado. Quando a EPP foi transferida para o bairro de Bodocongó, continha oito mulheres contratadas no quadro de funcionários, são elas:

Tabela com Nome e Função das Funcionárias em 1966

Nome	Função
Carmelita Moraes	Escriturária
Giovanna Salles	Datilografa
Judith Guimarães	Biblioteca
Miriam Asfora	Inspetora de Alunos
Maria do Carmo Dutra	Auxiliar de Biblioteca
Maria do Carmo Brito	Auxiliar de Laboratório
Rita Castro	Secretária
Rita Maia	Laboratorista

Nota-se que essas mulheres exerciam as funções de auxílio na Escola Politécnica. Dentre as funcionárias, algumas se destacavam, foi o caso das secretárias Rita e Maria de Castro, estas eram irmãs e a competência de ambas virou mito dentro da Escola Politécnica, sobre ela o funcionário Marco Aurélio comentou em entrevista: “Rita de Castro era basicamente a responsável por nós funcionários. Ela tinha uma personalidade rígida, imponente, o que ela dizia estava dito, era muito correta com as coisas e a burocracia.” (LEITE, 2013, p.05).

Na imagem seguinte, ela está presente na doação de um motor para a Escola Politécnica, sua postura na imagem demonstra na prática a sua conduta profissional de compostura, exigência e profissionalismo tão lembrada por quem a conhecia:



Rita de Castro recebendo um motor doado em 1966
 Fonte: Acervo do Arquivo Geral da UFCG

Outras funcionárias só foram contratadas após 1975 quando a Escola Politécnica já se tornara Centro de Ciências e Tecnologia (CCT). Esse crescimento feminino dentro da referida instituição de ensino foi crescendo a cada ano, as alunas ganhando mais destaque no seu desempenho, mas sempre em menor número, deixando uma indagação solta: por que poucas engenheiras?

2.2 POR QUE POUCAS ENGENHEIRAS?

Como já mencionado, a divisão de gêneros foi estabelecida ao longo dos séculos, as atividades de homem e as atividades de mulher estavam de acordo com a educação milenar. Biblicamente Eva foi criada para cuidar do marido e gerar seus filhos, mulher doce que nasceu para amar mostra pouca capacidade intelectual e esperteza ao se deixar levar pela propaganda do fruto proibido. A mulher não era inteligente o bastante para desmistificar o mundo, viver a vida fora da redoma do seu lar, ela deveria estar em casa para lidar com os cuidados ao marido e a educação dos filhos, pois foi feita para isso.

Ler esses pensamentos nos causa impacto. Refletimos que mesmo após tantos avanços, como essa mentalidade não mudou? Na verdade, não mudou, trata-se de um processo em mudança. Os cursos de exatas podem comprovar esse fato, na década de 1960 na Escola Politécnica existiam apenas três mulheres ou menos em cada turma aprovada no vestibular, enquanto no ano de

2014 em algumas salas a presença feminina é equivalente a metade do número de alunos por turma. Como se deu esse processo?

Há anos atrás algumas mulheres estudadas e de pais mais liberais manifestaram o desejo de cursar engenharia, para isso, enfrentaram muitos olhares atípicos em sua rotina. O que em dada época foi visto com espanto, hoje é visto como orgulho pelas atuais alunas de engenharia. Poucas mulheres no curso era indicação de que o espaço tido como masculino estava sendo adaptado para receber uma demanda feminina maior num futuro próximo, como afirma em entrevista José Sérgio, ex-aluno da Escola Politécnica:

As mulheres na época no curso de engenharia era uma coisa rara, porque a minha turma, nós entramos eram 150 alunos, entrou 75 no primeiro período, 75 para o segundo. E na época eu acho que nós tínhamos 5 ou 6 mulheres no curso de engenharia elétrica. Hoje em dia o número é bem maior (NETO, 2013, p.3)

José Sérgio nos mostra dados da década de 1970, onde as portas já haviam sido abertas, mas na década de 1960, como foi? Maria Alencar Rolim afirma: “Duas alunas porque o resto mais era homem né? Ainda tinha preconceito naquele tempo, que Engenharia era só pra homem né?” (2013, p.03). A depoente toca no assunto de poucas mulheres por motivos de preconceito, mostrando a visão feminina a respeito da presença de mulheres nas engenharias, mas e os homens o que achavam? José Sérgio coloca:

É claro que existia uma diferença de formação, as pessoas não sabiam como lidar com a novidade, digamos assim. Há 40 anos atrás o relacionamento entre pessoas de sexo diferente não era tão aberto quanto hoje em dia. Tão aberto em termos de contar piadas, de chamar palavrão, essas coisas. Hoje em dia essas coisas ficaram normais, ou usuais, digamos assim, por isso o espanto. (NETO, 2013, p.04)

José Sérgio acredita na diferença para justificar a presença de poucas mulheres, Maria Alencar afirma que havia preconceito. Ambos os depoentes tocam em dois quesitos importantes que serão abordados no próximo ponto deste trabalho: a diferença e o preconceito.

2.3 DA DIFERENÇA AO PRECONCEITO

O dicionário Aurélio coloca o significado da palavra diferença, em grosso modo, como “característica ou particularidade do que é diferente, do que é capaz de distinguir uma coisa de outra”. Já em uma busca mais aprofundada, o mesmo dicionário coloca a diferença como “aquilo que não possui nem demonstra igualdade; desprovido de semelhança”. Sabe-se que a falta de semelhanças entre os seres humanos provocam choques de relacionamentos, uma espécie de estranhamento que abre portas para um primeiro momento que seria de conflito, segundo de aceitação da situação e o terceiro é a adaptação.

Esse primeiro momento se erradica de algumas formas, dentro do mundo das engenharias na Escola Politécnica com a presença feminina participando desse espaço educacional foi erradicado o espanto ao atípico. Antes de comprovar isso, faz-se necessário entender o significado da palavra preconceito, no dicionário preconceito é definido como “forma de pensamento na qual a pessoa chega a conclusões que entram em conflito com os fatos por tê-los prejudgado”, esse prejudgamento acaba revelando o que o dicionário acrescenta como “repúdio demonstrado ou efetivado através de discriminação por grupos religiosos, pessoas, ideias; pode-se referir também à sexualidade, à raça, à nacionalidade e intolerância”.

Na Escola Politécnica a presença feminina causou espanto, o que ocasionou em uma espécie de reação justificada pela teoria da criação da mulher para Amélia. Esse espanto gerou um preconceito, mesmo que expressado de uma maneira branda, entre pequenas brincadeiras cotidianas e em formas de teste de capacidade. Todo esse processo foi levado na esportiva por essas mulheres, como afirma Ana Maria em entrevista “mas engenharia era visto assim como um assombro e eu que era mulher, Ave Maria, foi uma revolução, me perguntaram ‘e pode uma mulher estudar engenharia?’ Sabe... veja o preconceito, assim, o atraso né? Mas eu nem ligava” (CATÃO,2012, p.02).

As dificuldades enfrentadas por Ana em relação ao preconceito são vistas desde que a mesma tomou a decisão de fazer o ginásio já em preparação para o vestibular de engenharia, a mesma foi tachada de “doida”, em uma expressão muito usada pelos nordestinos para indicar espanto, como a mesma afirma:

(...) porque todas as minhas colegas terminaram o ginásio e ficaram no CAD para fazer pedagógica e ser professora e eu fui sozinha para o colégio estadual que era um colégio temido por todo mundo por ser o

melhor do estado, o Gigantão da Prata. Aí fui pra lá fazer científico já para estudar engenharia, diziam que eu era meia doida por que eu ia estudar engenharia (risos) (CATÃO, 2012, p.05).

Ana afirma que a família era o empecilho para que as mulheres fossem engenheiras: “houve um protesto para que as mulheres tivessem direitos, pudessem fazer os testes nas universidades e eram as famílias que prendiam, as moças eram pra casar e os homens não, podiam sair” (CATÃO, 2012, p.05), porém a mesma coloca a sua força de vontade em enfrentar toda corrente do contra para poder cursar engenharia, nessa fase a corrente que afirmava que engenharia era muito difícil:

Aí, eu peguei e disse eu vou estudar, eu vou estudar esses negócios de engenharia, né difícil? Eu vou fazer, eu vou fazer e quanto mais eu dizia que ia fazer o povo dizia “não, não pode não, mulher estudando engenharia”. Eu vou, eu vou, tudo que dissesse que mulher não podia fazer eu ia fazer. (CATÃO, 2012, p.07)

Quando perguntada sobre as outras mulheres da Escola Politécnica da Paraíba, Ana Maria citou a primeira professora da instituição, Maria de Lourdes, já citada neste capítulo, veio de São Paulo em transferência com o marido, por vim de uma capital do Sudeste muito importante para o país, a mesma apresentava um pensamento e comportamento mais a frente do que a cidade de Campina Grande estava acostumada:

Ela era uma mulher independente sabe? Dessas que chegava em uma roda de homens e conversava, discutia política e era um assombro uma mulher discutir política ou outro assunto que não fosse cri cri, criadas e crianças sabe? Uma mulher que bebia, tudo isso espantava por que não era próprio para mulher. (CATÃO 2012, p.10)

Quando questionada se esse comportamento de alguma maneira causava o desconforto nos outros ela afirma que as vezes sim, o que demonstra que tal comportamento vindo do feminino ainda não era aceito. Outro ponto importante levantado em entrevista foi se o fato das mulheres beberem, falarem abertamente em rodas masculinas ocasionou o desrespeito por parte dos homens, fossem eles alunos ou colegas de trabalho, Ana deu uma lição em sua resposta: “É, ela era muito respeitada, acabou sendo respeitada, a pessoa tem que se impor, eu soube me impor, a diferença esta aí” (CATÃO, 2012, p.19). Imposição de respeito soa

rude, é ser aceita porque é essa a única alternativa dada e de fato, as mulheres precisavam não deixar brechas para terem sua conquista.

Ana deixou no seu relato uma lição importante, o preconceito, as brincadeiras, os olhares ao seu comportamento, de suas colegas e de sua professora não se tornariam um problema primeiramente pelo desejo que ambas tinham de estar ali, segundo porque todo espaço pode e deve ser conquistado com ética, esforço, além de profissionalismo e terceiro porque as mulheres, neste ambiente, souberam se impor. Essa tarefa não foi fácil, mas foi cumprida com êxito, mostrando que em relações de gênero e tecnologia todos são igualmente capacitados, desde que se esforcem para alcançar o sucesso.

2.4 AS ENGENHEIRAS: UM CORPO MASCULINIZADO

“A insistência em associar a feminilidade à beleza não é nova. A ideia de que a beleza está para o feminino assim como a força está para o masculino, atravessa os séculos e as culturas.” (SANT’ANNA, 2005). É esta a característica marcante para o feminino e masculino, a mulher ligada a fragilidade e o homem a virilidade, desta maneira, cada um deles tem as funções pessoais e sociais que melhor se encaixem na sua características principal, por exemplo, as atividades de força, como a luta fica para os homens e a delicadeza das decorações de ambientes para as sensibilidades femininas.

Assim posto, pergunta-se: a engenharia é uma atividade feminina? Muitos diriam que a resposta está no advérbio de negação. Mas, o que pode impossibilitar uma mulher de ser engenheira? Os estudos dizem que nada interfere, a aptidão da profissão se faz para ambos os gêneros e a atividade requer apenas estudo e dedicação.

Foi sempre assim? Mais uma vez, a resposta é não. Em uma dada época as pessoas costumavam caçoar das mulheres quando as viam no meio das atividades e aulas de campo que envolviam os feitos das engenharias. Um exemplo nítido foi relatado por Moema Barbosa, aluna de Engenharia Elétrica na Escola Politécnica da Paraíba na década de 1970, ela conta que seus amigos costumavam dizer “Moema, tu quer ser engenheira, mas como é que tu vai subir em um poste?” Ela acrescenta que as piadas eram feitas quando ela anunciava

que estava cursando engenharia. Outro exemplo parecido foi citado por Ana Maria Vilar Campos:

“A gente fazia Topografia, aí eles brincavam que a gente ia se arranhar no mato, de saia, de vestido todo arrumada para ir pro meio dos matos porque topografia na nossa época a gente tinha que caminhar no meio dos matos com um balizador “acolá”, fazendo pontaria, depois registrava em uma caderneta e sentava pra desenhar.” (CATÃO, 2012, p.15).

A necessidade de masculinizar o corpo estava presente. Para estar “no meio do mato” era necessário usar calça, perder a fragilidade, ganhar hematomas sem sofrimento, ser forte, não ter medo da dor do ofício, coisas que apenas a virilidade oferece e esta é uma predominância masculina. Para as feministas a virilidade é um comportamento sexista e expressa a dominação masculina, onde na verdade, o ser viril represente apenas uma questão secundária que não mede capacidade (BARD, 2013). Mas esse comportamento erra uma burla para ser aceita no meio que estava tentado se inserir.

O corpo inspira análises diferenciadas pelo gênero, a mulher e suas curvas despertam desejo e atração, logo ela jamais estaria apta a ocupar um cargo de comando, principalmente se estiver no comando masculino, pois ela despertaria mais desejo que imponência e ordem (BARD, 2013), assim, as mulheres eram excluídas dessa fase da história.

É comum pensar que o homem se torna ser humano pela afirmação de si mesmo, enquanto a mulher se torna humana renunciando a si mesma, ela foi feita para amar enquanto o homem comanda. Como uma mulher que só sabe exercer esse papel pode estar em função de igual para o homem, uma função que foi designado a ele, como uma medição topográfica? Masculinizando seu corpo e costumes, aderindo a virilidade. Usar calças, por exemplo, dá um ar de menor sensualidade e mais masculinidade, ser séria para anular a fragilidade, não reclamar dos acidentes de trabalho e jamais errar no seu ofício, a mulher precisa passar uma segurança dobrada em ofício profissional.

O homem gosta de bebidas fortes, nasceu para não ter medo, é imponente, exerce domínio as outras escalas sociais e se cumprir esse papel é respeitado pela sociedade, sua energia e vigor predispõe ao esforço, controla suas emoções, demonstra coragem e elimina seus medos, caso contrário é caracterizado como um frouxo (CORBIN, 2013). Quando as mulheres se inserem nos postos elegidos para

o homem, ele cobra que ela tenha a mesma postura e perca a sua fragilidade emocional, afetiva e sensorial, a mulher passa então a ser masculinizada, julgada como grosseira, ganha título de mulher grossa, logo, incapaz de ser uma mãe afetuosa, uma esposa dedicada, ela passa a ser vista como a anormalidade social. Como lidar com essa anormalidade?

Lidar com essa nova realidade é provar que pode ter uma vida tripla, ser mãe, esposa e profissional, se adaptar as três vertentes, usar saia em casa, mas calça no trabalho, ser séria na profissão, mas doce no lar, nos cuidados da casa, ser uma mulher de várias faces e usá-las todos os dias em espaço de horas, estar sempre pronta para ser um camaleão.

Para a mulher engenheira não foi diferente, ela precisou ter um corpo masculinizado para ser aceita no meio universitário, teve que demonstrar força e imponência, mudou sua vestimenta e provou que era capaz, a mulher masculinizada, que estava aos poucos tomando conta de um território novo e nele fez morada.

CAPÍTULO 3

AS MULHERES NO ENSINO MÉDIO

Este trabalho traz uma abordagem sobre a conquista de um espaço por parte feminina que até então se dizia apenas para o usufruto masculino, as engenharias. Trabalhamos com a Escola Politécnica da Paraíba, sendo esta a primeira instituição de ensino superior a ter seu projeto político pedagógico consolidado na cidade. Criada em 1952, com o curso de Engenharia Civil, só teve, devido a questões da burocracia da época, autorização para funcionar a partir de julho de 1954. Foi então neste período que se realizou o primeiro vestibular para a seleção de alunos, tendo sido aprovados apenas oito candidatos. Essa instituição conseguiu consolidar seu projeto político ainda na década de sessenta, sob a direção de Antônio da Silva Morais. A partir de 1963, sob a direção de Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, ocorre a expansão de cursos e do corpo docente e técnico-administrativo, acompanhada também de expansão física do espaço.

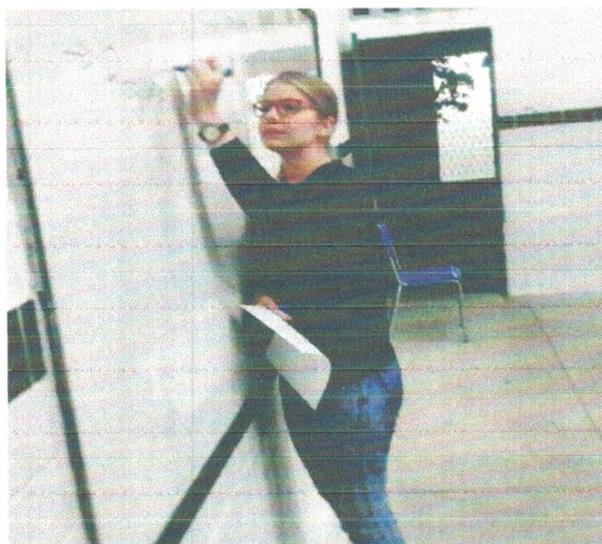
Em 1974, com a reforma cêntrica colocada pelo Ministério da Educação, a Escola Politécnica deu origem ao Centro de Ciência e Tecnologia (CCT), e ao Centro de Ciências Humanas, do então campus II da Universidade Federal da Paraíba, hoje Universidade Federal de Campina Grande.

Entre a criação da Escola Politécnica e sua transformação em CCT (1952/1974) foram criados os cursos de Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Pós-Graduação em nível de Mestrado em Engenharia Civil, Engenharia Elétrica e Pós-Graduação em nível de doutorado em Engenharia Elétrica; foram criados os cursos de Engenharia Mecânica; Processamento de dados (atual Sistemas de Computação); e Meteorologia. De 1976 a 1980 foram criados os cursos de Matemática, Física, Engenharia Química, Engenharia Agrícola, Engenharia de Materiais e Desenho Industrial.

As memórias sobre a Escola Politécnica estão se perdendo, devido a falta de cuidados para com seus documentos, apesar da importância que essa instituição exerceu para a história local e para o ensino superior na região. Mediante esse fator, o objetivo dessa pesquisa é investigar questões relacionadas a presença feminina nesses cursos em uma época tradicional em que a mulher ainda era vista como uma propriedade do homem, seja pai ou marido, e como destinada as atividades domésticas.

Assim, ao longo desse período estivemos empenhados no estágio de prática de ensino efetuado em uma escola pública desta cidade, a escolhida foi a Escola de Ensino Fundamental e Médio Escritor Virgínius da Gama e Melo, localizado no bairro das Malvinas, na rua Penedo, sem número.

A proposta do estágio é atuar ministrando aula sob supervisão do professor da escola, convidado para a banca deste trabalho, José Valmi Torres em uma turma do ensino médio. Coube-me a turma do terceiro ano A, do Ensino para Jovens e Adultos (EJA). A sala continha um total de vinte alunos, em sua maioria mulheres, sendo dezesseis mulheres e quatro homens, pouco assíduos em aula devido a sua rotina de trabalho, cansaço e as aulas serem ministradas na sexta feira no turno da noite. Diante dessa realidade, o trabalho com alunos foi dificultado.



Ministrando Aula- foto pessoal 06/03/2015.



Parte dos alunos em sala no início da aula – 06/03/2015

Antes do início da primeira aula, é protocolo da disciplina de estágio que um questionário seja aplicado com os alunos no intuito de descobrir os gostos que eles apresentam em relação a música, filme, leitura, de maneira que possamos nos adaptar as escolhas deles em aula para melhor repassar o conteúdo. Perguntamos quais os sites que eles costumam pesquisar na internet para melhor direcioná-los, se eles acreditam que o ensino de História pode ajudá-los a uma compreensão pessoal e do ambiente que vivem, bem como, qual a função da escola para eles, em anexo abaixo:

QUESTIONÁRIO DISCENTE

Sexo: () Masculino () feminino - Idade _____

1. Em sua opinião, qual a função da escola? Por que estudar?
2. O livro didático de História adotado na escola é interessante? Incentiva a pesquisar? Aguça a curiosidade?
3. Vai prestar vestibular quando concluir o ensino médio? () sim () não Se a resposta for afirmativa qual o curso?
4. Em sua opinião, tanto a escola pública quanto a escola privada preparamo(a) aluno(a) para a universidade?
5. Qual (is) o (s) livro (s) ou revistas você gosta de ler?
6. Quais os filmes você assistiu recentemente?
7. Quais são seus cantores (as) e músicas favoritos (as)?
8. O que você faz nas horas de lazer

9. Você utiliza a internet? () sim () não. Se a resposta for afirmativa indique os sites que costuma acessar?
10. Na Universidade é dito que a disciplina de História ajuda o aluno (a) a compreender a si próprio e o que acontece ao seu redor. O que você acha?

Local _____ Data ____/____/____

Além dessas perguntas, é questionado se a escola pública tem preparado os alunos para o ingresso na universidade e se eles pretendem cursar o ensino superior, se a resposta for positiva, que curso eles desejam.

A partir desses questionários passamos por dois momentos. Um: se dá a preocupação com que os alunos opinam sobre o ensino público; o descaso com o investimento do governo nas instalações e até na inovação da metodologia de ensino, bem como, a falta de crença por parte dos professores no potencial dos alunos e o pouco empenho desses para dar aula aos Jovens e Adultos. No tocante ao uso da internet, dos vinte alunos, dezessete costumam acessar para usar as redes sociais e o canal de músicas e vídeos You Tube, apenas três citaram que costumam ler notícias e fazer os trabalhos do colégio.

Não nos aprofundaremos nessa discussão, daremos ênfase nesse capítulo ao quesito ensino superior, ou seja, se os alunos têm o desejo de fazer uma graduação, em que curso desejam estar no próximo ano na universidade e o motivo. Trata-se de uma análise a partir do estágio na prática de ensino, a respeito das mulheres e a educação, se a mentalidade de mulher está direcionada apenas para o lar mudou e se sim quais os principais campos que elas pretendem atuar.

É importante lembrar que a faixa etária dessas mulheres é variada, uma vez que se trata do Ensino de Jovens e Adultos. Temos relatos de mulheres com idade dos dezoito aos cinquenta e dois anos de idade.

3.1 A ESCOLHA PROFISSIONAL

A escolha profissional é uma sombra que atormenta os estudantes do ensino médio. Quando os alunos chegam ao primeiro ano do ensino médio são

impulsionados em todas as aulas pela sua equipe de professores e coordenadores a pensar qual carreira querem seguir. Trata-se de uma decisão difícil, prova disso são as desistências em alto número de alunos após cursar um período da graduação até então escolhida, ou na escolha de áreas completamente distintas nas duas opções de curso que a inscrição do ENEM⁵ exige.

Escolher qual curso do ensino superior cursar vai além de afinidade, os alunos costumam pensar em possíveis salários quando formados, na família, no prestígio social e no campo de emprego. Muitos chegam até o terceiro ano do ensino médio ainda indecisos.

Outro ponto que reflete na escolha é se o curso é para homem ou mulher. Muitos acreditam que por estar no século XXI essa não é uma realidade constante, porém esse fato acontece corriqueiramente. A aluna concluinte do curso de Enfermagem na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) Lara Caline Lira afirma: “na minha sala temos poucos homens, 90% da turma é mulher. Um dos meninos faz parte do meu grupo e ele afirma que sua sexualidade é questionada pelas pessoas devido ao curso” (LIRA, 2015, p.02).

Já a aluna Yohana Brunna de Moraes, estudante de Enfermagem e concluinte na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) coloca:

“90% da turma são mulheres, são poucos homens na minha sala. Um deles é bombeiro, casado e mais velho que minha faixa etária de 21, por isso não costumam comentar a escolha do curso, mas outro amigo de turma é muito comentado pelo que dizem ter trejeitos. Sou muito próxima e não consigo enxergar isso, até porque ele sempre me fala de suas namoradas.” (MORAIS, 2015, p.02)

Saindo da área de saúde conversamos com a aluna Laís Loureiro Marinho que cursa Engenharia Civil na Universidade Federal da Paraíba e ela diz: “A maioria da turma é composta por homens, nas disciplinas de cálculo são muitos porque além de englobar outras engenharias sempre tem muito repetente” (MARINHO, 2015, p.02), a estudante acrescenta, quando perguntada se isso intimidava “eu não ligo para isso não, tenho quatro irmãos homens e duas irmãs,

⁵ O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) é uma prova elaborada pelo Ministério da Educação para verificar o domínio de competências e habilidades dos estudantes que concluíram o ensino médio. A nota do exame serve para entrada nos cursos de graduação das universidades públicas e privadas.

muitos primos e alguns sobrinhos, estou acostumada a viver entre os homens” (MARINHO, 2015, p.02).

Os alunos da sala do terceiro ano A, da escola Escritor Virginus da Gama Melo, estão bem divididos em relação a escolha profissional. Dos vinte alunos frequentadores, quatro alunos, destes um homem e três mulheres não pretendem ir ao ensino superior. Vale salientar que as mulheres que tomaram essa decisão tem mais de quarenta anos de idade e o aluno vinte e um anos. Podemos avaliar a ausência de vontade de prestar vestibular, e no caso feminino a idade dessas mulheres. Já maduras e estabelecidas querem apenas o ensino médio completo para auxiliar na sua vida cotidiana.

Também quatro alunos colocam que desejam cursar uma graduação, mas ainda não sabem qual o curso que se encaixam, destes, também, um homem e três mulheres, todos entre vinte a vinte e quatro anos de idade. Quando perguntados se sabiam a área, o menino apresentou mais afinidade com a informática e as meninas com a área de saúde.

Dos doze alunos que mostraram interesse em cursar um ensino superior e sabem qual a graduação específica, estão dois homens de vinte e dois e vinte e sete anos, ambos querem cursar arquitetura e informática, respectivamente. Já as mulheres mostram o total de dez alunas de faixa etária que vai dos dezoito aos cinquenta e dois anos.

Dessas meninas, três despertam interesse por cursar Enfermagem, duas Fisioterapia, sendo a segunda opção enfermagem e uma Psicologia. Esses cursos são conhecidos pelo cuidado ao próximo, delicadeza, e são ditos comumente como local culturalmente feminino. Quando as alunas do terceiro ano foram perguntadas porque escolheram cursos de saúde, estas alegaram que além de gostar da área, era uma área que exigia cuidado com o próximo e paciência.

Nos debates históricos, sabemos que profissionalmente a mulher estava longe de ser respeitada e valorizada. Começava uma nova luta feminina, a luta pelos direitos profissionais e dentro destes, o direito a cursar o ensino superior nos cursos que desejavam, fosse magistério, Engenharia, Medicina ou Direito. Em áreas onde as mulheres eram consideradas mais aptas, como Magistério, Enfermagem, Farmácia e Odontologia os obstáculos foram menores, porém significativos, no Brasil desde a década de 1970 (MATOS, 2013), mas em outras

profissões como a de direito as dificuldades foram maiores, por exemplo, Mirtes de Campos foi a pioneira nesta área, formada em 1889, só conseguiu seu registro na OAB em 1905 após forte resistência. (SANDENBERG, 1994). Para outras profissões Maria Matos coloca:

As profissões de maior prestígio e que exigiam nível universitário - na medicina, na engenharia e no direito, por exemplo - eram de difícil acesso às mulheres, sendo o ambiente universitário considerado um domínio masculino e havendo inúmeras restrições ao ingresso das mulheres nos cursos. Foi somente em 1879 que a legislação brasileira autorizou as mulheres a freqüentar instituições de ensino superior e se titular no país. (MATOS, 2013, p.136).

Essa acessibilidade permitiu que de 1970 a 1975, em diferentes níveis e áreas do conhecimento, o número de mulheres na universidade aumentasse cinco vezes enquanto a de homens dobrasse (MATOS, 2013). Uma década depois, o avanço da escolaridade já estava mudando o cenário do mercado de trabalho, com mais mulheres, gerando produtividade, mas também olhares atípicos e preconceito. (SANDENBERG, 1994).

A outras quatro alunas tem gostos diferentes, uma delas gostaria de se graduar em Direito, outra em Educação Física, uma em Química, e por fim uma em Engenharia Civil. A faixa etária vai dos dezenove aos vinte e oito anos. Quando perguntadas o motivo do desejo alegaram afinidade e sonho, as alunas que pretendem cursar Química e Engenharia Civil disseram que achavam interessante o ofício e não tinham receio de se sentirem deslocadas.

No caso das mulheres e homens com idade mais elevada, atribui-se a desistência ao ensino superior devido a pouca expectativa com uma graduação e as responsabilidades de serem chefes de família. No tocante às mulheres, especificamente, essa desistência é levada a vida tripla que muitas mulheres levam, sendo mães, esposas e trabalhando para ajudar na renda da família, consumindo todo o seu tempo e responsabilidade. (TABAK, 2002).

Gráfico por Área de Cursos Universitários

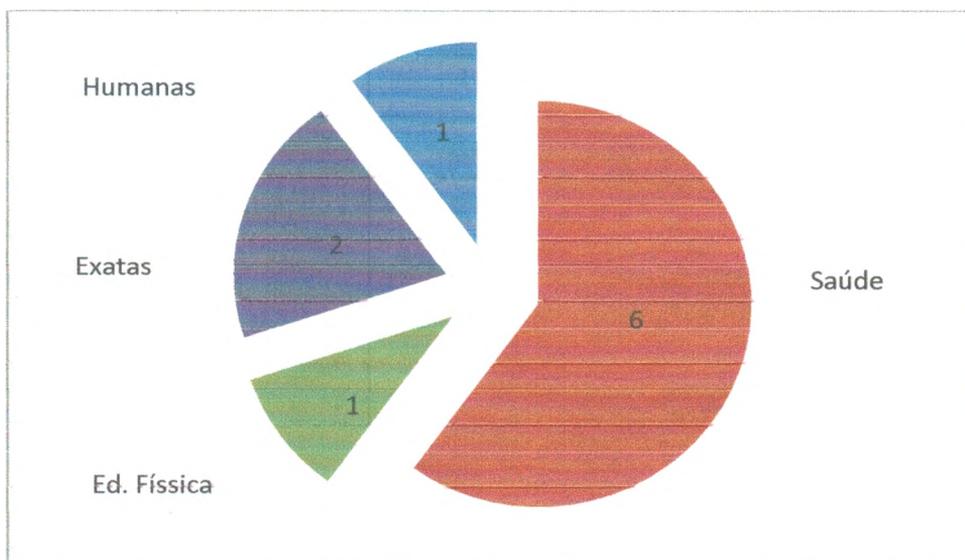


Gráfico mostra quantidade de alunas por área

O gráfico acima traz a noção de quantidade de mulheres em cada área dos cursos universitários. Pode-se ver assim, que os cursos de saúde ainda têm uma predominância de escolha feminina e exatas ainda é marcada por escolha de poucas mulheres.

É bem verdade que o maior número de mulheres ainda está em áreas opostas as exatas, porém esse número vem crescendo a cada ano de maneira considerável (MATOS,2013). Na América Latina as mulheres que concluíram a graduação em cursos de enfermagem e engenharia civil foi de 80 e 50%, respectivamente, e a admissão delas enquanto profissionais foi de 35 e 23% (TABAK,2002). Alega-se que muitas dessas mulheres, que chegavam a exercer a profissão de docente nas universidades estavam ajudando os maridos em pesquisas e terminaram sendo contratadas, mas seus salários eram 20% menores que os dos homens. (SCHIEBINGER, 2001). Trabalharemos esses dados no próximo capítulo, salientando que essas escolhas são fruto de um local cultural, seja da cultura de determinado curso ser dito feminino ou masculino, como também a cultura de quem escolhe os cursos. O local cultural é determinante na escolha e na afinidade, em como enfrentar um meio público dito corriqueiro para homens ou mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre as mulheres, sua liberdade de expressão e escolha própria de um futuro é algo delicado. Historicamente a luta feminina moveu-se em duas vertentes, de um lado a luta árdua por melhorias de vida, liberdade, direitos civis de igualdade, por outro foi levado ao extremismo, a falta de relativização.

Ainda assim, devemos lembrar como se deram essas conquistas femininas, essa mulher que em 1975 travou o que muitos falam de batalha por direitos e o que nomeio de busca por ideias e direitos igualitários, saiu ao espaço público para enfrentar a sociedade e buscar seu futuro. Muitas coisas mudaram desde então, as mulheres usaram minissaia, conseguiram o voto, a profissão em campos até então pouco ocupados por mulheres e o respeito em muitas áreas, seja no ambiente familiar privado ou nas ruas.

Vale salientar, que essa luta ainda esta sendo travada, hoje em mentalidade, muito se avançou, mas o estigma da mulher desprotegida, dona do lar e segunda voz ainda é uma constante, talvez por esse motivo seja importante lembrar como se deram as conquistas femininas, para que elas continuem ocorrendo como um ideal de busca de melhorias.

Assim foi mostrado ao longo desse trabalho. Hoje as mulheres estudantes das escolas tem um ideal de ir ao ensino superior e traçar uma carreira profissional, muitas já conciliam o estudo com a formação de uma família e até com a maternidade e outras idealizam essa realidade para depois da estabilidade financeira.

Vimos que a presença das mulheres nas engenharias sempre foi pequena, chegando até em 30% em algumas áreas até os anos de 1990 e que esse percentual vem aumentando ao longo do tempo, como uma conquista diária que simboliza uma nova mentalidade para as mulheres, o ter direito a frequentar todos os espaços, gerando um impulso a longo prazo na expansão feminina.

Foi percebido que a presença feminina começou a ter frequência a partir de 1962, mas que não chegou a 10% da fração de alunos. Ainda foi observado os discursos e comentários preconceituosos mediante a presença feminina, os olhares da sociedade e a dificuldade enfrentada pelas mulheres para lidar com essa realidade. Outro problema presente foi visto nos dados que mostram que o número de mulheres que se inscreviam e passavam na seleção do vestibular

eram maiores do que as inscritas nos cursos de graduação, por motivos estes que podem ser associados a dificuldade feminina em viver esse espaço de ensino.

Ao longo da pesquisa foi colocado também as causas que justificam o motivo de os cursos de exatas receberem poucas mulheres nas décadas de 1950, 1960 e 1970, este, comprovado com fragmentos de entrevistas. Também foi possível perceber o olhar lançado as mulheres engenheiras, o preconceito e o estranhamento ao atípico. Para além destas questões, outro fator exemplificado foi a masculinização do corpo feminino dentro da engenharia na prática de seu ofício para impor mais respeito e segurança no trabalho. Esses pontos demonstram o cotidiano, sacrifícios e luta das mulheres engenheiras da Escola Politécnica da Paraíba.

Por fim, podemos concluir que a participação feminina na Escola Politécnica da Paraíba foi significativa para garantia dos direitos femininos, para quebrar estigmas que visavam a incapacidade feminina, para inserção das mulheres no meio público. Além disso, foi muito significativa quando avaliamos que os cursos de engenharia eram vistos como um curso para homens e em uma cidade do interior da Paraíba, as mulheres ganharam respeito por exercer essa profissão.

Hoje, vale salientar, que Campina Grande é vista como um pólo tecnológico, esse desenvolvido pelos cursos ofertados na Universidade Federal de Campina Grande que é fruto da Escola Politécnica. As mulheres são reconhecidas no Campus com muito respeito a sua escolha profissional. Essa semente foi plantada em Campina Grande em 1956 quando Arlete Figueiredo decidiu cursar Engenharia Civil na Poli e após ela outras mulheres enfrentaram a família e o meio público em busca dessa profissão. Enfim, nota-se que a participação feminina na Escola Politécnica da Paraíba foi reduzida em percentual, mas significativa na quebra de barreiras e no legado a superação das mulheres.

FONTES

→ Os livros com a documentação da Escola Politécnica da Paraíba que estão no Arquivo Geral da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

→ Entrevistas:

Ana Maria Vilar Campos:

Graduação em Engenharia Civil. Entrevista realizada dia 06/05/2013, às 19h, na sua residência.

José Sérgio da Rocha Neto:

Graduação em Engenharia Elétrica. Entrevista realizada dia 21/05/2013, às 11h, na coordenação de Engenharia Elétrica na UFCG.

Laís Loureiro Trindade Marinho

Estudante de Engenharia Civil na Universidade Federal de Campina Grande. Entrevista realizada em 22/03/2015, às 15h30min, por Skype.

Lara Caline Santos Lira

Aluna do curso de Enfermagem na Universidade Federal de Campina Grande. Entrevista realizada dia 22/03/2015 às 16h, por skype

Marcos Aurélio Miranda Leite

Ex funcionário da Escola Politécnica Entrevista realizada dia 26/02/2013 às 16:00hs na sala do Projeto Memória, na UFCG.

Maria Alencar Rolim:

Ex funcionária da Escola Politécnica Entrevista realizada dia 15/03/2013 às 14,00hs, em sua residência.

Maria de Castro:

Ex funcionária da escola Politécnica. Entrevista Realizada dia 02/05/2006 às 15,00hs, em sua residência.

Yohana Brunna Rafael de Morais

Aluna do curso de Enfermagem na Universidade Estadual da Paraíba. Entrevista realizada dia 22/03/2015 às 15,00hs, por skype

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. ***Ouvir Contar: Textos em História Oral***. 1ed, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

AREND, Silvia Fávero: Trabalho, Escola e Lazer. In PINSKY, Carla B., PEDRO, Joana Maria, ***Nova História das Mulheres no Brasil***, 1 ed, São Paulo: Contexto: 2013.

BARD, Christine: A virilidade no espelho das mulheres. In CORBIN, Alain, COUTRINI, Jean-Jacques, Vigarello, Georges; ***História da Virilidade: o triunfo da virilidade - o século XIX*** tradução de João Batista Kreuch e Noéli Correia de Melo Sobrinho-Petrópolis, RJ:Vozes,2013.

CAVALCANTI, Silêde Leila. ***Mulheres Modernas Tuteladas: o discurso jurídico e a moralização dos costumes- Campina Grande 1930/1950***. Dissertação (Mestrado em História), Centro de Humanidades, universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE. 2000.

CHAUÍ, Marilena. ***Convite à Filosofia***. São Paulo: Ática, 1995.

Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (Fernandes et. al). ***A mulher da Área Tecnológica no Brasil – pesquisa quantitativa e comparativa entre mulheres e homens na área tecnológica da engenharia, arquitetura, agronomia, geologia, meteorologia e geografia***. Brasília, GS4 Gráfica e Editora, 1999.

CORBIN, Alain: A virilidade reconsiderada sob prisma do naturalismo. In CORBIN, Alain, COUTRINI, Jean-Jacques, Vigarello, Gerorges; ***História da Virilidade: o triunfo da virilidade-o século XIX*** tradução de João Batista Kreuch e Noéli Correia de Melo Sobrinho-Petrópolis, RJ:Vozes,2013.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. ***História Oral: Memória, tempo, identidades***. 2 ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DEL PRIORE, Mary. ***História das Mulheres no Brasil***. 10 ed, São Paulo, Contexto, 2011.

DEL PRIORE, Mary. ***Ao Sul do corpo- Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia***. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1995.

LIMA, Rômulo de Araújo. ***A luz que não se apaga: a Escola Politécnica da Paraíba e a formação de um campo científico-tecnológico***. Campina Grande: Eduepb, 2010.

LUCA, Tânia Regina. A História dos, nos e por meio dos periódicos. In PINSKY, Carla Bassanezi (org.) ***Fontes Históricas***. São Paulo, Contexto, 2005, p. 111-153.

MATOS, Maria Izilda, BORELLI, Andrea, Espaço Feminino no Mercado Produtivo. In PINSKY, Carla B., PEDRO, Joana Maria, **Nova História das Mulheres no Brasil**, 1 ed, São Paulo: Contexto: 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2 ed, São Paulo: Contexto, 2014.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória – A Cultura Popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1992.

ORLANDI, EniPucinelli. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Editora Pontes, 1997.

PERROT, Michelle. As **mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: Edusc, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

POLLAK, Michael. "Memória e identidade social". In: **Estudos Históricos**, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar Brasil 1890-1930**. 3ed, São Paulo: Paz e Terra, 1997.

ROSEMBERG, Fúlvia, Mulheres educadas e a educação de mulheres. In PINSKY, Carla B., PEDRO, Joana Maria, **Nova História das Mulheres no Brasil**, 1 ed, São Paulo: Contexto: 2013.

SADENBERG, Cecília M B. Feminismos, feministas e movimentos sociais. In BRANDÃO, Margarida Luiza Ribeiro, BINGEMER, Maria Clara L, **Mulher e Relações de Gênero**, São Paulo: Edições Loyola: 1994.

SANT'ANNA, Denise Bermuzzi: Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: **Políticas do Corpo: elementos para uma história das práticas corporais** org: Denise Bernuzzi Sant'Anna. Tradução de Mariluce Moura: 2. Ed, Rio de Janeiro: Estação Liberdade, 2005.

SCHIEBINGER, Londa. **O Feminismo Mudou a Ciência?**. 2ed, São Paulo: Edusc, 2001.

TABAK, Fanny. **O Laboratório de Pandora: estudos sobre ciência no feminino**. 1ed, Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2002.

THOMPSON, Paul. "A contribuição da história oral". In: ___. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p.104-137.